

ENTRE A ÁGUA E A SELVA: REFLEXÕES SOBRE CULTURA E ÉTICA A PARTIR DAS NARRATIVAS AFRICANAS DE ALBERT SCHWEITZER

BETWEEN WATER AND JUNGLE: REFLECTIONS ABOUT CULTURE AND ETHICS FROM ALBERT SCHWEITZER'S AFRICAN NARRATIVES

Márcio Gimenes de Paula

Resumo: O objetivo do artigo é dialogar com algumas teses de um personagem bastante importante do século XX que, infelizmente, parece hoje um pouco esquecido: o teólogo, médico, missionário, filósofo e músico Albert Schweitzer (1875-1965). Para tanto, nos limitaremos a analisar sua obra *Entre a água e a selva* e alguns fragmentos de caráter biográfico. Tal obra é, na realidade, um relato de sua experiência como médico e missionário na África, sendo datada de 1920. A partir dela conseguimos vislumbrar aspectos importantes do seu pensamento acerca do cristianismo, de suas concepções ética e igualmente seu diálogo multicultural com o mundo africano e com suas diferentes expressões de fé e de cultura. Tal relato é expressão de uma cultura de paz e tolerância e, portanto, fundamental em todos os tempos.

Palavras-chave: Albert Schweitzer, Cultura, Cristianismo, Multiculturalismo, História das Religiões, Filosofia da Religião.

Abstract: The aim of this article is to discuss some of the theses of a very important figure of the 20th century who, unfortunately, seems somewhat forgotten today: the theologian, physician, missionary, philosopher and musician Albert Schweitzer (1875-1965). To this end, we will limit ourselves to analyzing his work *On The Edge of the Primeval Forest* and some fragments of a biographical nature. This work is, in reality, an account of his experience as a physician and missionary in Africa, dated 1920. From it we can glimpse important aspects of his thinking about Christianity, his ethical concepts and also his multicultural dialogue with the African world and its different expressions of faith and culture. This account is an expression of a culture of peace and tolerance and, therefore, fundamental in all times.

Key Words: Albert Schweitzer, Culture, Christianity, Multiculturalism, History of Religions, Philosophy of Religion.

CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

No Brasil dos anos cinquenta do século XX, o nome de Albert Schweitzer não era completamente estranho aos debates da época. Afinal, ele foi laureado, de modo muito justo, como Prêmio Nobel da Paz de 1952. Assim, naturalmente, seu nome “batizou” inúmeros hospitais e escolas em nosso país e, penso eu, também em muitos outros países. Rubem Alves, na apresentação que faz de si mesmo na sua obra *O que é religião*, diz-nos uma coisa significativa que, na minha avaliação, mostra o peso da obra de Schweitzer para toda uma geração daquele período: “Estudei música, teologia e quis ser médico, por amor a Albert Schweitzer” (Alves, 1992, p. 133). Na fala de Alves, percebemos a importância do pensador da Alsácia para toda uma geração de jovens intelectuais, sobretudo aqueles que vinham de origem cristã – como ele – e igualmente assistiam os primeiros diálogos ecumênicos, a busca por justiça social num país como o Brasil e no contexto da América Latina. Esses jovens eram pessoas que debatiam Direitos Humanos e Democracia num mundo que havia acabado de passar pelo totalitarismo nazista e fascista. Deparavam-se agora com a ameaça de bombas atômicas, sobretudo após a tragédia de Hiroshima e Nagasaki, viviam o contexto de uma Guerra Fria, de um mundo dividido entre o capitalismo norte-americano e o então império socialista soviético. Tudo isso ocorria logo após a II Guerra Mundial e no âmbito do prenúncio de mudanças importantes no cenário mundial. Por isso, não é fortuito que os dois “Alberts” da época, Schweitzer e Einstein, tenham conversado e se preocupado com o que as bombas atômicas poderiam ocasionar à humanidade¹.

Penso que existem dois momentos da recepção da obra de Albert Schweitzer no Brasil. O primeiro ocorre com essa faceta mais humanista e está relacionado com a tradução de várias obras do pensador para o português pelas Edições Melhoramentos. Nesse período podemos destacar obras que foram traduzidas como *Minha infância e Mocidade/Histórias africanas*, *Entre a água e a selva*, *Minha vida e minhas ideias*, *Goethe – quatro discursos*, *Decadência e regeneração da cultura*, *Cultura e Ética*². É curioso perceber que as Edições Melhoramentos

¹ Tal debate é bastante claro na obra *Paz ou Guerra Atômica* que, inclusive, foi traduzido para o espanhol. Schweitzer, A. *Paz o Guerra Atomica*, Fondo de Cultura, Mexico, 1958.

O encontro entre os dois pensadores aparece igualmente num filme sobre Albert Schweitzer denominado *Albert Schweitzer* de 2009.

² A Editora da Unesp possui atualmente duas traduções disponíveis da obra de Schweitzer em seu catálogo. *Entre a água e a selva* é uma reedição da tradução de José Geraldo Vieira, publicada pelas Edições Melhoramentos nos idos dos anos 50.

Schweitzer, A. *Entre a água e a selva- narrativas e reflexões de um médico nas selvas da África equatorial*, Unesp, São Paulo, 2010.

Já a obra *Filosofia da Civilização*, atualmente no catálogo da mesma editora, foi traduzida por Petê Rissatti e é, na verdade, a junção da obra *Cultura e Ética*, publicada pelas Edições Melhoramentos com tradução de Herbert Caro e de *Decadência e Regeneração da Cultura*, traduzido por Pedro de Almeida Moura. Ressalte-se, entretanto, que a tradução de Rissatti opta pelo título *Queda e reconstrução da cultura*.

Schweitzer, Albert. *Cultura e ética*, trad. Herbert Caro, Melhoramentos, São Paulo, 1953.

Schweitzer, Albert. *Decadência e regeneração da cultura*, trad. Pedro de Almeida Moura, Melhoramentos, São Paulo, 1959.

criou uma série denominada *Albert Schweitzer*. Na contracapa da série, que vinha em todas as traduções, se podia ler a seguinte coisa:

Repercussão mundial tem tido a obra humanitária de Albert Schweitzer no continente africano. E, conseqüentemente, avultou o interesse pela vida edificante desse homem, ou seja, por dados biográficos da infância, da mocidade, da formação cultural e ética, bem como o interesse por suas ideias, princípios e fundamentos filosóficos. Daí a evidente oportunidade da Série Albert Schweitzer, repositório integral do que concerne a essa notável personalidade, publicada pelas Edições Melhoramentos. Inicia-se com *Albert Schweitzer – uma vida exemplar, excelente estudo biográfico*, autoria de Mario Weissman, escritor argentino. Prossegue, depois, com obras do próprio Schweitzer, nas quais eles nos conta de sua vida e de sua obra, com aquela naturalidade e sinceridade próprias de um grande espírito, e ventila relevantes assuntos filosóficos e humanísticos. Estão também presentes nos livros desse médico, missionário e musicista, as narrativas sobremaneira interessantes, verídicas ou lendárias, do ambiente onde tem vivido nas selvas da África (Schweitzer, sem data “a”, p. 161)

O segundo momento da recepção da sua obra, segundo posso avaliar, se encontra mais na faceta teológica do pensador e, nesse sentido, podemos destacar algumas de suas obras traduzidas pela Fonte Editorial como, por exemplo, *O Misticismo de Paulo – o apóstolo* e *A Busca do Jesus Histórico*³. Infelizmente, muitas obras do pensador sobre filosofia, estudos religiosos e música, como, por exemplo, uma excelente biografia sobre J.S. Bach⁴, ainda não estão acessíveis ao leitor de língua portuguesa ainda nos dias de hoje. Assim, o intuito do presente artigo é apontar, através dos relatos de Schweitzer nas selvas africanas, um pouco de sua percepção sobre cultura e ética⁵. A ideia é realizar tal empreendimento a partir de um recorte que podemos denominar como autobiográfico. Para tanto, faremos duas divisões: na primeira parte iremos avaliar Schweitzer enquanto missionário em terras africanas. Na segunda parte, iremos avaliar o autor como um pensador da cultura e como sua visão cultural de formação europeia se encontra com o mundo africano. Passemos, portanto, ao primeiro movimento do nosso trabalho.

Schweitzer, Albert. *Filosofia da Civilização – Queda e reconstrução da civilização/Cultura e ética*, trad. Petê Rissatti, Unesp, São Paulo, 2013.

3 Schweitzer, A. *O misticismo de Paulo – o apóstolo*, Fonte Editorial, São Paulo, 2003.

Schweitzer, A. *A Busca do Jesus Histórico*, Fonte Editorial, São Paulo, 2005.

4 Há uma tradução em espanhol da obra de Schweitzer sobre Bach. Além disso, ele fez inúmeros concertos e apresentações sobre a obra de Bach. Vários desses discos e apresentações estão hoje acessíveis nas plataformas digitais de vídeo e áudio.

Schweitzer, A. *J.S. Bach – el musico poeta*, Ricordi, Buenos Aires, 1955.

5 Já realizamos uma abordagem parecida sobre o autor em outro artigo de nossa autoria, onde o foco era a análise da obra *Filosofia da Civilização*, o que tornou o artigo mais focado nas questões filosóficas a partir do contexto europeu.

PAULA, M.G. Ética e decadência: uma leitura a partir da Filosofia da Civilização de Albert Schweitzer. *MÁTRIA DIGITAL*, v. 1, p. 245-271, 2024.

1 - *Entre a água e a selva*: Albert Schweitzer como missionário em terras africanas

A biografia de Albert Schweitzer impressiona pela ousadia. Ele era membro de uma tradicional família protestante da Alsácia, pessoas muito ligadas à religião e à música. Portanto, ele já era um prestigiado clérigo e músico quando decide, no começo do século XX, estudar Medicina para participar de uma missão na África com o objetivo de ser médico e ali construir, tal como o fez em Lamberéné, na África Equatorial (atual Gabão). Deve ter sido algo espantoso para muitos de seus contemporâneos e familiares assistirem algo assim. Afinal, ele já era professor conhecido na famosa Universidade de Estrasburgo e, portanto, parecia colocar, desse modo, a perder toda uma carreira acadêmica ao se embrenhar nas selvas africanas. Na sua obra *Entre a água e a selva*, logo no início do primeiro parágrafo, o autor confessa o que o fez mudar radicalmente de vida:

Deixei a docência na Universidade de Estrasburgo, a arte de tocar órgãos e uma carreira de escritor para atuar como médico na África equatorial. Como isso aconteceu? Lera e ouvira testemunhos de missionários revelando a miséria física dos autóctones. E quanto mais refletia sobre isso, menos conseguia compreender como nós, europeus, nos preocupávamos tão pouco com a grande tarefa humanitária que essas regiões longínquas se apresentavam. Parecia-me que a parábola do homem rico e do pobre Lázaro se encaixava bem ao nosso caso. O opulento seríamos nós, pois os avanços da medicina nos proporcionaram enormes conhecimentos e processos eficazes contra a doença e a dor. As vantagens incalculáveis dessa riqueza nos parecem algo muito natural. Lá fora, nas colônias, está o pobre, o negro, que sofre tanto ou bem mais do que nós com a doença e o sofrimento, porém não dispõe de nenhum meio para combatê-los. Agimos como o homem rico, pecando com indiferença para com o pobre sentado no seu patamar, pois o rico não se punha no lugar do seu semelhante e nem deixava que o próprio coração se enternecesse (Schweitzer, 2010, pp.11-12).

As palavras do autor são cheias de significado. O primeiro ponto a se destacar é que por ouvir os relatos dos outros missionários na África, nosso autor se sente compelido a agir da mesma maneira. Ou seja, assume para si, o papel de missionário. Até aqui estaríamos no escopo tradicional de um religioso protestante e missionário. Contudo, tal atitude não é estritamente religiosa. Ele é confrontado com a posição dos europeus no mundo, com o que ocorria naquelas terras que ainda eram colônias de nações europeias naquela época. Por isso, ele conclui que os europeus eram o opulento rico diante do pobre Lázaro, tal como podemos averiguar nos Evangelhos⁶. O rico opulento da passagem bíblica nega a Lázaro uma vida digna e o quer como

6 A parábola do rico e de Lázaro pode ser averiguada no Evangelho de Lucas 16:19-31. *Bíblia – Novo Testamento/Os quatro Evangelhos*, traduzido do grego por Frederico Lourenço, Companhia das Letras, São Paulo, 2017. Especialmente pp.282-283.

seu serviço até mesmo no outro mundo, o europeu opulento nega ao negro africano a medicina, as conquistas científicas que podem melhorar sua vida, minorar o seu sofrimento. Assim, como europeu, Schweitzer se percebe não apenas numa espécie de ardor missionário e evangelizador, mas questiona-se de modo ético e moral sobre o que a civilização europeia havia construído (e também destruído) nas terras africanas.

Ele vai estudar Medicina exatamente para montar um hospital na África e faz isso já com 30 anos e uma carreira consolidada em seu país. Estamos num contexto imediatamente posterior ao da Primeira Guerra Mundial. E é exatamente dentro de tal contexto que Albert Schweitzer como missionário começa a se confrontar com o que era típico de uma missão tradicional protestante e aquilo que hoje chamamos de multiculturalismo. Ao sair de sua *zona de conforto*, ele se confronta também com diferentes religiões locais e com o islamismo, que era muito forte naquela área do continente africano. Seu juízo sobre o islamismo negro africano é bastante negativo e, desde o princípio, ele desconfia de um tipo de pregador itinerante islâmico que tende a iludir as pessoas mais desinformadas. Tal religião parece deixar as pessoas na obscuridade e não levar em conta os avanços científicos. Vejamos o que ele mesmo diz sob tal tipo de islamismo:

... um marabuto – pregador islamita itinerante – montado num cavalo pomposo, envolto num manto vistoso, então sim, veremos a população se alvoroçar. Todos se acotovelarão ao seu redor, trazendo-lhes suas economias a fim de obter, a bom preço sonante, um amuleto contra doenças, outro contra ferimentos de guerra, mais outro contra picadas de serpentes, outro ainda contra espíritos maus e vizinhos ruins. Onde existir uma população maometana negra, não haverá nenhum avanço sob o aspecto cultural ou científico (Schweitzer, 2010, pp.23-24).

É importante frisar que Schweitzer trata de um tipo de religião islâmica voltada ao que podemos denominar como superstição e, portanto, uma religião essencialmente degenerada. Tal religião não faz justiça nem mesmo ao melhor da tradição islâmica, pois essa religião monoteísta foi uma das responsáveis por muitos aspectos avanços que chegaram ao mundo ocidental e europeu na arquitetura, nas artes, na filosofia, na medicina⁷. Aliás, como já bem percebeu Ernst Cassirer ao tratar do fenômeno da superstição no contexto cristianismo europeu do século XVII, a superstição é um ponto que pode unir tanto a fé mais autêntica – que recusa os seus amuletos mágicos – como o agnosticismo e o ateísmo, que enxergam na superstição uma visão primitiva da natureza humana e um empecilho ao avanço da ciência e da cultura⁸.

7 Os interessados num aprofundamento sobre a filosofia islâmica e, especialmente, sobre o filósofo Averróis, responsável por muito do que foi recebido de Aristóteles no mundo ocidental, poderão ler com proveito a pequena bibliografia abaixo elencada: Attie, M. F. *Falsafa – a filosofia entre os árabes*, Palas Athena, São Paulo, 2002.

Averróis. *Discurso decisivo sobre a harmonia entre a religião e a filosofia*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 2006.

Campanini, M. *Introdução à filosofia islâmica*, Estação Liberdade, São Paulo, 2010.

8 Tais aspectos são tratados por Cassirer em sua obra *Filosofia do Iluminismo*, especialmente no capítulo quarto (a ideia da religião).

Cassirer, E. *Filosofia do Iluminismo*, Unicamp, Campinas, 1997.

O missionário Schweitzer também se choca com o tratamento dispensado aos animais pelos africanos. Nos seus relatos de *Entre a Água e a Selva*, ele retrata tristes episódios que presenciou de violência contra os animais. Também são impactantes para ele o quanto as doenças europeias e o consumo de álcool são determinantes na degeneração da saúde e da vida de muitos africanos. Descrevendo uma conversa que teve com um caixeiro-viajante europeu, Schweitzer relata as palavras do homem: “Trazem aguardente e doenças aos negros que lhes eram desconhecidas. Todo bem que trazemos para eles compensa esse mal?” (Schweitzer, 2010, p. 27). No desabafo desse homem há aspectos instigantes da crise de consciência europeia na África. Os progressos levados compensam o mal desconhecido? Penso que o missionário Schweitzer se mostra absolutamente identificado com tal autocrítica da consciência europeia.

Schweitzer também não oculta os choques culturais ocorridos entre os missionários brancos e a população negra local. Ele, inclusive, oferece fortes testemunhos que apontam, sem nenhum tipo de linguagem dúbia, o quanto era difícil tal convivência cultural em vários momentos e como ele implicava em um risco à sobrevivência dos próprios missionários, uma vez que a população local possuía muitas doenças sendo, várias delas, transmissíveis. Leiamos o relato do próprio autor: “Os missionários avisaram-me desde o começo que na África é preciso evitar sempre que possível que os negros entrem nas habitações dos brancos. Trata-se de uma medida de sobrevivência pessoal” (Schweitzer, 2010, p. 39). Ele também relata, com farto detalhes, as misérias e as doenças que afligiam a população local: “A miséria é grande. Ainda um destes dias um moço me dizia: ‘Aqui não há uma pessoa que não esteja doente’. Ao que comentou um velho soba: ‘Esta terra devora os seus próprios homens’” (Schweitzer, 2010, p. 46). Schweitzer relata ainda sobre as gripes que acometiam a população local e seu espanto com três temas difíceis: como lidar com os criados dos negros, que vez por outra, roubavam o seu empregador; como lidar com a realidade da escravidão mascarada, que ainda existia e como lidar com a antropofagia, que também sobrevivia de modo subterrâneo.

Diante de tal quadro tão sombrio, o missionário Schweitzer percebe um importante traço da cultura local a ser combatido: o medo. Seguindo um escopo bem delineado no século XIX sobre as características dos negros nativos, ele percebe que as magias e os encantamentos são parte constitutiva daquela cultura:

Ao medo pelo veneno também vem o medo pelo poder malévolo e sobrenatural que um homem pode exercer sobre o outro. Acreditam os nativos que existem processos para se adquirir força mágica. Aquele que dispuser de um verdadeiro feitiço é todo-poderoso. Terá sorte na caça, enriquecerá, poderá atrair a desgraça, a doença e a morte sobre aquele que quiser lesar (Schweitzer, 2010, p. 57).

Nesse ponto, Schweitzer percebe aquilo que já havia dito Cassirer sobre a superstição, isto é, ela pode unir o cristão mais autêntico e o mais sincero crítico da religião, visto que ambos combatem a superstição. O cristão autêntico a combate por não a julgar a verdadeira religião e o crítico da religião igualmente a combate por ver nela uma espécie de encantamento que

inibe o pensamento autônomo e livre. Desse modo, o missionário Schweitzer fala aos europeus do seu tempo:

O europeu jamais saberá a que ponto é terrível a vida desses desgraçados que estão sempre com medo dos sortilégios dirigidos contra eles. Apenas os que testemunharam de perto tal miséria compreendem que é um dever da humanidade ensinar aos povos primitivos outra concepção do mundo e da vida, livrando-os assim de suas credulidades funestas. Mesmo os maiores céticos se tornariam amigos das missões se pudessem constatar estes fatos in loco (Schweitzer, 2010, p. 57).

Aqui cabe uma reflexão crítica: Schweitzer é, de modo inegável, um homem do século XIX europeu e serve-se de uma categoria superada no debate antropológico: a categoria de povo primitivo, ainda usada no início do século XX. Trata-se de uma categoria comparativa e forjada no otimismo historicista do século XIX, ou seja, algo é “primitivo” em relação a algo que é mais “avançado”. Há aqui, de modo incontestado, a ideia de progresso tal como ela foi concebida no século XIX. Em outras palavras, os negros da África são primitivos em relação ao avanço da ciência europeia. A religião mais envolta num dado tipo de mistério e encantamento não alcança um tipo de religião europeia produzida de modo mais racional. Por isso, a obra missionária de Schweitzer abre diálogo com a civilização europeia, mesmo aquela que não professava nenhum tipo de fé, mas que nutria o ideal do progresso da humanidade como um todo. Tal constatação daquilo que se tomava como *primitividade* dos povos não europeus pode ser facilmente constatado em vários trabalhos de religiões comparadas da época. Apenas para a menção de um exemplo, tais reflexões aparecem fartamente nas obras de Feuerbach sobre a religião⁹.

A definição cabal que Schweitzer fornece de feitiçaria reforça ainda mais essa tese:

Que é feitiçaria? A feitiçaria nasceu do sentimento do medo no homem primitivo. Este quer possuir um encantamento que o proteja contra os maus espíritos, os espíritos dos mortos, contra o poder maléfico dos seus semelhantes e atribui certo poder protetor a determinados objetos que traz sempre consigo. Propriamente não rende culto ao amuleto, mas procura utilizar-se das virtudes sobrenaturais desse objeto que lhe pertence (Schweitzer, 2010, p. 58).

A ideia de encantamento, do feitiço, do amuleto remete aos clássicos da sociologia da religião, mas pode ser igualmente percebido nos textos já mencionados de Feuerbach. Nosso autor relata na sua obra *Minha Infância e Mocidade/Histórias Africanas*, um episódio que o marcou: “Entre os grandes feitiços que cheguei a ver, entregues aos missionários pelos cristãos, se achava também um pedaço de crânio humano” (Schweitzer, s/data, 118, a). A rigor o tema do medo

⁹ Feuerbach, L. *La esencia de la religión*, Páginas de Espuma, Madrid, 2005. Feuerbach, L. *Preleções sobre a essência da religião*, Papirus, Campinas, 1989.

em contexto religioso também pode ser percebido até mesmo no *Tratado Teológico-Político* de Espinosa que, com muita probabilidade, abriu a crítica da exegese e da religião nos séculos XIX e XX em contexto ocidental. Desse modo, penso que abrimos espaço para perceber Schweitzer não apenas como missionário, mas como um pensador da cultura do seu tempo.

2 - *Entre a água e a selva*: Albert Schweitzer como pensador da cultura

Seria um engano pensar que Schweitzer, ao se colocar como médico e missionário nas selvas africanas, perdeu a sua condição de teólogo, filósofo, músico e pensador da cultura. Ele não foi viver na África para se isolar do mundo europeu, mas para compreender o mundo em amplitude, agora a partir de outro local geográfico e cultural. Por isso, na sua *Filosofia da Civilização*, de modo muito planejado, afirma: “A primeira versão desta *Filosofia da Civilização*, agora publicada, remete ao ano de 1900, e sua conclusão data do intervalo entre 1914 e 1917, nas florestas da África” (Schweitzer, 2013, sem página). Na edição brasileira é dito que tal afirmativa, feita pelo próprio autor, data de fevereiro de 1923. Em outras palavras, seu objetivo é deixar absolutamente claro que ele conclui tal trabalho sobre a filosofia europeia, na qual foi formado, nas florestas africanas. Tal coisa tem um profundo significado: deixar patente que a crise do mundo europeu não seria solucionada de modo isolado e que é preciso enxergar o mundo em amplitude.

Assim, não parece despropositado que ele coloque o filósofo Hegel em exemplos do cotidiano vivido nas selvas africanas, tal como ele faz na obra *Entre a água e a selva*. Vejamos a menção: “O nativo negro não pode conceber que um delito permaneça impune. Quanto a isso, ele pensa de acordo com a doutrina do filósofo Hegel. Aos seus olhos o lado jurídico de uma questão permanece sempre em primeiro plano” (Schweitzer, 2010, p. 80). Curiosamente surge a visão de Schweitzer sobre o que ele chama de espírito primitivo do negro africano:

O negro só julga justa uma punição se realmente estiver convencido de que agiu mal e se houver confessado. Enquanto puder negar com quaisquer visos de verdade, manifestará sua indignação mais honesta, mesmo que realmente seja culpado. Todo aquele que tiver negócios com um negro africano deve levar em conta essa mentalidade do homem primitivo (Schweitzer, 2010, p. 81).

Os relatos da obra são, por vezes, curiosos, narram desde as cenas miseráveis, das doenças, sobre as moscas que provocam sono excessivo e chegam até episódios no mínimo inusitados para o contexto europeu como a compra de mulheres a crédito para casamentos o que, segundo os homens nativos, não costuma ser recomendável, tal como Schweitzer relata a partir do testemunho de Joseph, um nativo africano que o serviu como empregado: “Quando qualquer um de nós ainda não acabou de pagar a mulher, leva uma vida dos diabos. A mulher não obedece e comenta a todo o instante que a gente não se mete na sua vida, já que ainda não acabou de

pagá-la” (Schweitzer, 2010, p. 82). Contudo, avançando um pouco além dessas curiosidades, Schweitzer entra num tema muito polêmico, a saber, a visão que os europeus tinham do negro como alguém preguiçoso, alguém não dado ao trabalho e aqui, mesmo operando com critérios ocidentais e europeus, percebemos uma importante posição de Schweitzer em favor do negro africano e contrário a essa tese pouca elaborada e preconceituosa. Ele começa tentando tornar mais complexa uma constatação banal dos europeus: “Mas será o primitivo um ser realmente preguiçoso? O problema não terá raízes mais profundas?” (Schweitzer, 2010, p. 116). Nosso autor contesta tal tese europeia como um exemplo prático da atuação dos negros no seu hospital: “Quanto a mim, não me sinto mais no direito de falar categoricamente da preguiça dos negros, desde que quinze nativos subiram o rio remando quase sem interrupção durante trinta e duas horas para me trazer um branco gravemente ferido” (Schweitzer, 2010, p. 116).

Mas a defesa que Schweitzer faz de que o negro nativo não é preguiçoso vai além de um mero exemplo pessoal. Aqui ele começa a contestar, com mais profundidade, o modo europeu de pensar: “O nativo não é preguiçoso, mas um homem livre. É por isso que se torna apenas um trabalhador ocasional, com o qual nenhuma operação ordenada é possível” (Schweitzer, 2010, p. 117). Em outras palavras, o nativo não entra no jogo do capitalismo europeu, uma vez que, exatamente por ser livre, não prioriza estar ao serviço total dos colonizadores e comprometer sua vida totalmente com isso. Ele vive em outra dimensão e não se sente obrigado a cumprir as expectativas de um pacto que lhe é totalmente alheio. Assim, ele é capaz de trabalhar numa dada ocasião para satisfazer a sua necessidade imediata, mas não se sente parte de uma operação ordenada e sistemática. Nele não reside nenhum vínculo com a ideia obrigatória de trabalho ou de trabalho ininterrupto. Nosso autor percebe tal relação com imensa perspicácia e, na realidade, critica o modo europeu de pensar por julgar que o nativo negro deveria cumprir a sua lógica. Desse modo, sua conclusão não poderia ser mais enfática: “Todos os brancos fazem amargas recriminações à preguiça dos nativos. Na verdade, não os têm à sua mercê, porque os nativos não estão reduzidos à necessidade dum ganho regular, já que desconhecem a luta pela existência” (Schweitzer, 2010, p. 117-118).

Entretanto, o mesmo autor é bastante severo com o comportamento dos negros que, segundo seu juízo, somente trabalham quando vigiados. Ele relata um curioso episódio onde, ao se descuidar da vigilância dos seus contratados, percebeu que eles não haviam feito o que fora combinado:

Não faz muito tempo contratei uns negros para a construção de uma nova cabana para o hospital. Quando fui ver, ao fim da tarde, nada havia sido feito. No terceiro ou quarto dia me zanguei; então um deles, que não era dos piores, retrucou: ‘- Escusa de gritar. A culpa é do doutor mesmo. Se ficasse perto da gente, o trabalho rendia. Mas o patrão só fica perto dos doentes, de maneira que a gente não faz nada’ (Schweitzer, 2010, p. 119).

A despeito do lado até engraçado do episódio, ele revela, na realidade, um modo como os próprios nativos se percebiam, ou seja, somos como *crianças* que necessitam de cobrança para

que façamos os nossos deveres. Aliás, a própria ideia de dever soaria estranha dentro do que Schweitzer já havia notado que os nativos eram, na realidade, trabalhadores ocasionais e livres. Assim, ele mesmo assumindo a condição de ser irmão dos negros o faz com uma pitada de bom humor: “Defino da seguinte forma a minha atitude para com o primitivo: ‘Sou teu irmão, mas teu irmão mais velho’” (Schweitzer, 2010, p. 133).

Também os casamentos são observados nesse diário de Schweitzer em seus dias na África. Ele constata que quando alguns nativos negros melhoram de posição social, costumam queixar-se por não terem mulheres compatíveis com sua nova condição, tal como relata a partir da fala de uma pessoa do seu convívio: “As mulheres daqui são muito bronzas para ser nossas esposas. Deveriam mandar vir mulheres de classes superiores de Madagascar para se casarem conosco!” (Schweitzer, 2010, p. 127). E no tocante aos casamentos, Schweitzer depara-se com um tema inevitável da cultura africana de então: a poligamia. Contudo, mais do que uma mera curiosidade ou diferença cultural, a poligamia revela uma questão importante a ser pensada no diálogo entre as missões europeias e a cultura africana. Nesse aspecto, o missionário Schweitzer cede lugar ao pensador da cultura Schweitzer ou, se assim preferirmos, amplifica o escopo da atividade missionária. Vejamos o que ele mesmo nos diz: “A missão deve por certo fazer da monogamia um ideal e uma exigência do cristianismo. Entretanto, o Estado cometeria um erro pretendendo impô-la por via legal. Quanto ao que posso julgar até agora, seria igualmente um erro identificar a luta contra a imoralidade com a luta contra a poligamia” (Schweitzer, 2010, p. 131). Em outras palavras, nosso autor percebe a dificuldade de incluir na vida prática africana um ideal do cristianismo como a monogamia. Mais do que isso: pensa que o próprio Estado não seria capaz disso. Assim, lutar contra o que ele toma como imoralidade não é lutar contra a poligamia. Isso é muito instigante, na medida em que se toma a imoralidade em contexto mais amplo. Tal coisa parece fazer de Schweitzer um crítico da cultura. Por isso, ele percebe coisas que um europeu comum talvez não tenha condições de perceber, tal como a condição das mulheres que viviam em situação de poligamia: “As mulheres de um mesmo marido vivem geralmente em harmonia. A mulher negra não gosta de ser a única esposa, pois deverá então prover sozinha a manutenção da plantação, que cabe à esposa” (Schweitzer, 2010, p. 131).

O próprio Schweitzer confessa-se um homem culto do seu tempo e um pensador da cultura quando percebe que viver na selva africana pode ser mais suportável para quem possui uma dada formação, como a que ele possui. Um dado tipo de cultura, ao contrário que talvez se possa supor, é fundamental para se viver melhor em tal contexto:

Na África é uma necessidade ter-se um trabalho intelectual que sustente a esfera moral. Por mais paradoxal que pareça, o homem culto suporta melhor a vida na selva que qualquer outro homem, pois possui um conforto que os outros não conhecem. Imerso na leitura de um livro que o obriga a refletir, cessa de ser aquele que se gasta em lutar contra a negligência dos nativos e contra todas as dificuldades do ambiente. Torna a sentir-se um ser humano. Infeliz de quem não conhece recolher-se assim, nem retomar suas forças! Cedo ou tarde estará corroído pelo medonho prosaísmo da vida africana (Schweitzer, 2010, p. 152).

Há aqui inúmeras afirmativas que merecem uma explicação mais detalhada. O que parece haver é uma relação entre espírito e natureza por detrás de tal afirmativa do autor. Schweitzer é um filho do século XIX europeu e, portanto, um homem de certa formação cultural típica do seu tempo. Cultura para ele é viver sustentado intelectualmente e moralmente por aquilo que faz um homem ir além da mera sobrevivência e da luta contra o ambiente por vezes hostil da natureza. Seria exatamente o momento de reflexão que, em tal perspectiva, não existiria nas culturas tomadas como primitivas. Por isso, é igualmente instigante perceber não apenas o perfil missionário de Schweitzer mas que, de certo modo, a despeito das diferenças e avanços em relação aos seus antecessores, ele segue uma trilha já aberta por eles. Em geral, tanto no contexto protestante como católico, os missionários eram pessoas de formação erudita, homens cultos, preparados¹⁰. É dentro de tal quadro que podemos compreender uma sentença do nosso autor que, quiçá, soa até mesmo despretensiosa: “Sabe-se que quase todos os grandes exploradores que percorreram a África levavam leituras ‘sérias’ em suas bagagens” (Schweitzer, 2010, p. 152).

Se olharmos apressadamente o texto do nosso autor, fica-se com a impressão de que ele parece defender uma superioridade europeia em relação à cultura africana. Em alguns momentos isso, de fato, parece evidente. Contudo, a tese é ambígua. Quando ele coloca o problema da assimilação do cristianismo pelos nativos, a questão parece ter contornos no mínimo dúbios. Vejamos o que ele mesmo nos diz: “Como e em que medida o homem primitivo compreende o cristianismo? Na Europa comprazem-se em afirmar que o cristianismo é elevado demais para os povos primitivos. Eu mesmo, antigamente, vivia preocupado com essa questão. Minha atual experiência me permite responder isso” (Schweitzer, 2010, p. 157). Nosso autor, para espanto de alguns dos seus contemporâneos, defende que o homem nativo é mais *reflexivo* do que o homem branco europeu e que constatou tal coisa em sua prática como missionário. Vejamos a interessante constatação: “A diferença entre branco e negro, entre civilizado e primitivo, desaparece quando acontece de conversarmos com habitantes das selvas sobre questões que dizem respeito ao homem em geral, ao mundo e à eternidade” (Schweitzer, 2010, p. 158). Ainda que o nativo venha ignorar as bases históricas do cristianismo, nosso autor vê neles pessoas com uma aptidão natural para acolher as suas principais teses: “Não há dúvida de que exista no nativo para compreender e receber os elementos essenciais da religião” (Schweitzer, 2010, p. 158). Assim, Schweitzer toma o cristianismo como algo que pode levar o nativo africano a não ser mais guiado por encantamentos e feitiços: “Para ele, o cristianismo é a luz que brilha nas trevas da sua angústia, que lhe dá a segurança de que não está à mercê dos espíritos da natureza, dos antepassados nem dos feitiços, que nenhum homem possui poder mágico sobre seus semelhantes, pois só que a vontade divina é que reina no mundo” (Schweitzer, 2010, p. 158).

Schweitzer chega mesmo a defender que dentro de cada nativo reside muito mais um cristão de origem posterior ao Iluminismo do que um cristão amedrontado do período medie-

¹⁰ Leibniz, por exemplo, aprendeu sobre a religião chinesa através dos estudos e das obras de alguns missionários jesuítas que viveram ali.

Leibniz, G.W. *Discurso sobre a Teologia Natural dos Chineses*, Colibri, Lisboa, 1991.

val: “A esperança ou receio do além não exercem nenhum papel na religião dos nativos” (Schweitzer, 2010, p. 159). Por isso, usando toda a sua verve de missionário culto e bem formado, afirma que a redenção em Cristo pode representar, para o nativo africano, uma melhoria ética e moral da sua vida e, portanto, dialoga diretamente com a filosofia e a civilização. Desse modo, Schweitzer, ainda que com ressalvas, aproxima-se da ideia de bom selvagem desenvolvida por Rousseau: “Rousseau e os filósofos do seu tempo evidentemente idealizaram um tanto o filho da natureza, mas não há dúvida de que existe alguma verdade na concepção que tinham do primitivo bom e racional” (Schweitzer, 2010, p. 159). Em sua obra *Minha vida e minhas ideias*, Schweitzer já havia dito que “a Renascença desliga-se da concepção medieval que nega o mundo e a vida” (Schweitzer, s/data, p. 158 b). Assim, o negro nativo não é um negador da vida e isso pode servir de lição aos europeus, que ainda parecem trazer em si tal traço medieval doentio. Diante disso, penso que podemos agora ensaiar algumas palavras conclusivas da nossa breve exposição a partir dos fragmentos africanos de Schweitzer. Passemos, portanto, a elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Schweitzer conclui seus diários como missionário na África com um belo testemunho ecumênico: “O problema mais árduo para a missão cristã é que ela se manifesta sob duas formas diferentes: a católica e a protestante. Como seria mais belo trabalhar em nome de Jesus se essa diferença não existisse e se as duas Igrejas não fizessem concorrência!” (Schweitzer, 2010, p. 169). Hoje ainda é impactante tal posicionamento, mas imagine-se que isso foi escrito alguns anos antes da fundação do Conselho Mundial de Igrejas (1948), órgão maior do movimento ecumênico mundial, e antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), que abriu a mentalidade do catolicismo de então. Portanto, tal afirmativa revela um pensador que vai à frente do seu tempo e o anuncia.

Tal posicionamento, de ser homem *avant la lettre*, fez com que Ernst Cassirer, um importante filósofo do século XX, tenha visto nele uma figura excepcional do nosso tempo: “A obra de Albert Schweitzer cobre um vasto campo de interesse. Estende-se a todas as esferas da civilização humana” (Cassirer, 2015, p. 41). Aos olhos do filósofo, Schweitzer mescla seus interesses como teólogo, músico, médico e missionário sendo um exemplo para toda uma geração. Sua leitura aguda da crise da civilização europeia pode ser bem percebida na sua obra *Filosofia da Civilização*, mas igualmente pode ser notada em seus diários na África e em textos de cunho mais autobiográfico. Por isso, Cassirer é perspicaz ao notar que “Schweitzer afirma que as ideias desenvolvidas no seu livro foram amadurecidas no silêncio da floresta primordial equatorial” (Cassirer, 2015, p. 42).

Se a hipótese de Mario Waismann¹¹ está correta, Schweitzer seria um místico. Contudo, não se trata aqui de pensar a mística como algo que nos isola do mundo, que nos coloca em um

11 Waissmann, M. Albert Schweitzer – uma vida exemplar, Melhoramentos, São Paulo, sem data.

estado de contemplação alheio aos nossos semelhantes. O que Waismann parece sublinhar é que o misticismo de Schweitzer seria um misticismo de ação. Em outras palavras, ele é um agir no mundo, uma afirmação de fé, um compromisso ético e moral com o seu tempo. Nos seus últimos escritos, Schweitzer sublinha o que ele denomina como *reverência pela vida*. Tal pista certamente merece melhores investigações, mas já pode ser já notada no decorrer de toda sua obra como autor e como um participante ativo do seu tempo. Cicovacki assim resume em que consistiria tal proposta de Schweitzer:

Finalmente chegamos ao capítulo 26, “A Ética da Reverência à Vida”. É o segundo mais longo do livro (apenas o capítulo sobre ética grega e romana é mais longo) e o mais conhecido. Apesar de sua extensão e do vasto número de questões abordadas, seu tema pode ser dividido em quatro partes. Schweitzer primeiro resume as conclusões mais importantes das considerações anteriores. Em seguida, define seu princípio básico de moralidade em termos de reverência à vida; também o esclarece em termos de conceitos relacionados, como compaixão, amor, simpatia e responsabilidade. Na terceira parte, Schweitzer discute a aplicação adequada do princípio moral básico em casos de conflitos éticos. A última parte oferece maiores elaborações sobre a reverência à vida, explicando o que mais se opõe a ela: a irreflexão, o egoísmo e a ética da sociedade (Cicovacki, 2012, p. 52).

Não foi o nosso objetivo, no presente artigo, adentrar em tal seara do pensamento do autor. Nosso intuito era mais pontual: perceber como se desenvolvia, a partir dos seus diários africanos, a relação entre cultura e ética. Como tal desenvolvimento mostraria o contato de um cidadão europeu formado nas ideias clássicas do século XIX com a cultura africana. O que poderia haver de concordância de sua parte com o ideal europeu e o que haveria de mais avançado em relação a ele. O que pudemos notar, o tempo todo, especialmente nos relatos de *Entre a água e a selva* foi a presença de uma dubiedade onde, ora parecemos ler o autor como o Schweitzer típico europeu e ora surge o Schweitzer crítico da civilização europeia, um homem que toma ares de um profeta para sua geração. Se tal trabalho nos estimulou a desenvolver essa reflexão de modo mais crítico e sem maniqueísmos reducionistas e simplórios, creio que alcançamos, ao menos em parte, o nosso objetivo. Nesse sentido, a obra de Schweitzer também pode ser um convite para um amplo debate acerca do multiculturalismo no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, R. *O que é religião*, Brasiliense, São Paulo, 1992.
- Cassirer, Ernst. *Albert Schweitzer e l'etica del XIX secolo*, Morcelliana, Brescia, 2015.
- Cicovacki, P. *The Restoration of Albert Schweitzer's Ethical Vision*, Continuum, London, 2012.
- Schweitzer, A. *Entre a água e a selva- narrativas e reflexões de um médico nas selvas da África equatorial*, Unesp, São Paulo, 2010.
- Schweitzer, A. *Filosofia da Civilização- Queda e reconstrução da civilização/Cultura e ética*, trad. Petê Rissatti, Unesp, São Paulo, 2013.
- Schweitzer, A. *Minha infância e mocidade/Histórias africanas*, Melhoramentos, São Paulo, sem data. (a).
- Schweitzer, A. *Minha vida e minhas ideias*, Melhoramentos, São Paulo, sem data. (b).
- Waissmann, M. *Albert Schweitzer – uma vida exemplar*, Melhoramentos, São Paulo, sem data.

Autoria. Doutor em Filosofia pela Unicamp e professor associado na UnB

DOI: 10.26512/2358-82842024e59004.

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 Internacional License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).